

Revista Iberoamericana de Turismo



HOSPITALIDADE E A TRANSVERSALIDADE DAS MIGRAÇÕES

Isabela de Fátima Fogaça

Doutora em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: isafog@hotmail.com

Lélio Galdino Rosa

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: leliogaldino@hotmail.com

Resumo

Esse ensaio foi apresentado no 5º. Congresso Latino-Americano de Investigação Turística (CLAIT), tem como marco teórico a obra *Hospitalidade e Migrações Internacionais: O Bem Receber e O Ser Bem Recebido* e busca realizar uma discussão sobre a sociabilidade e a solidariedade entre os povos; a discriminação para com o estrangeiro; as políticas governamentais que favorecem ou desfavorecem a hospitalidade entre receptores e os migrantes; a ausência de hospitalidade na terra natal; o assistencialismo para com os imigrantes e o emigrante e os conflitos vividos pelos migrantes. Como metodologia para sua realização optou-se pela pesquisa bibliográfica, bem como por meio da sistematização de experiências vivenciadas e observadas pelos autores enquanto estrangeiros “dentro” e fora de seu país e estudiosos da hospitalidade. Desse modo, considera-se que as adversidades vividas por muitos estrangeiros na chamada “terra escolhida” demanda uma revolução na forma de ser e pensar do ser humano para podermos então vivenciar os princípios da verdadeira hospitalidade para com o estrangeiro.

Palavras-chave: Hospitalidade; Migração; Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

Apenas quem já se viu sozinho e desamparado em terra estranha e foi de alguma forma auxiliado por um desconhecido pode dizer que conhece a verdadeira hospitalidade (Konrad Lorenz, apud Ramos, 2003, p.18).

A hospitalidade está diretamente relacionada ao oferecimento de acolhimento, conforto e segurança ao “outro” e sofre significativa influência das características culturais de um povo. Na terra estranha, não se conhece nada, tudo é novo. Muitas vezes, há, até

mesmo, dificuldade para a comunicação em virtude das diferenças de idiomas, ou seja, é um estranhamento total, e o auxílio dos moradores do local é uma das únicas formas de vencer os obstáculos de adaptação e compreender a forma de viver de povos, quase sempre, de cultura muito diferente da cultura do estrangeiro.

É comum pensar que, no exterior, o estrangeiro só pode contar consigo mesmo, principalmente em uma sociedade tão desprovida de princípios de fraternidade e solidariedade. Isso acontece em virtude de algumas mazelas enfrentadas pela sociedade em seu cotidiano, como a convivência com a violência, o terrorismo, a criminalidade, as epidemias, o xenofobismo, etc. que acabam por minar as relações humanas.

Na realidade, na maioria das vezes, a ausência de um apoio inicial é um dos maiores obstáculos que o estrangeiro enfrenta na nova terra escolhida. Mas essa condição não se faz regra, e muitos dos povos acreditam nos princípios colocados por Praxedes (2004, p.5), quando apresenta que a hospitalidade “[...] é a ternura da gente de um lugar em relação ao estrangeiro [...]”, desenvolvendo ações de fraternidade e solidariedade, dando assistência e recebendo bem estes migrantes.

Não há como negar que a forma como o estrangeiro será acolhido e aceito pelos receptores (moradores – nativos da nova terra ou estrangeiros que lá já estavam anteriormente à sua chegada) é condição para que se adapte e se sinta feliz, construindo uma nova identidade em uma nova terra. Nesse sentido, neste ensaio, com base na obra de Silvana Pirillo Ramos, *Hospitalidade e Migrações Internacionais: O Bem Receber e O Ser Bem Recebido*, busca-se discutir temas como a sociabilidade e a solidariedade entre os povos; a discriminação para com o estrangeiro; as políticas governamentais que favorecem ou desfavorecem a hospitalidade entre os povos receptores e os migrantes; a ausência de hospitalidade na terra natal que motiva a migração; o assistencialismo para com os imigrantes e o emigrante e os conflitos vividos pelos migrantes.

Como metodologia para a realização desse ensaio, utilizou-se da pesquisa bibliográfica tendo como marco teórico a obra de Silvana Pirillo Ramos, como supracitado, bem como no decorrer da discussão buscou-se sistematizar experiências vivenciadas pelos autores enquanto estrangeiros “dentro” e fora de seu país e estudiosos da hospitalidade.

2 O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO E A HOSPITALIDADE ENTRE OS POVOS

A migração é um fenômeno antigo que acompanha o homem desde suas primeiras formações. Na antiguidade, o homem nômade, como não tinha residência fixa, migrava em busca de alimento, abrigo, em virtude das doenças e por crenças em seus deuses. Com a fixação no território, o homem passou a migrar por outros motivos, como o comércio, a guerra e a religião.

No século XIX e início do século XX houve um grande fluxo migratório de europeus em direção às Américas, o Novo Mundo. Foi nesse período que muitos migrantes vieram se fixar no Brasil. No final do século XX, a migração volta a assumir importância significativa no contexto político e social do mundo, todavia demonstrando fluxos contrários das correntes do século XIX, ou seja, as novas correntes migratórias se dirigiam do Novo Mundo para os países ricos da Europa, da América do Norte e da Ásia, especialmente o Japão.

Muitos são os motivos que levam os povos contemporâneos a migrarem deixando sua terra natal. Entre os que mais se destacam estão guerras, perseguições religiosas e políticas, a busca por uma vida com melhores oportunidades de emprego e renda, a qualificação intelectual e profissional e, mesmo, a curiosidade em conhecer novas culturas

ou viver a cultura e o estilo de vida de outro país (atração cultural dos destinos das migrações).

O estrangeiro em uma terra estranha está sujeito tanto à hospitalidade quanto à hostilidade dos povos nativos e, mesmo, dos imigrantes que lá já se fixaram anteriormente. O migrante cria várias expectativas. Tem a esperança de mudança, de romper com tudo o que o desagrada (a ausência de emprego e renda, um país que não corresponde às suas demandas sociais e políticas, perseguições religiosas e políticas, uma decepção pessoal etc.), mudando sua vida. Muitos conseguem esse feito alcançando sucesso financeiro e até mesmo a integração junto à sociedade local, mas outros acabam passando por dificuldades, e o sonho de ser feliz em uma nova vida acaba se transformando em pesadelo.

Exemplo desse pesadelo pode ser evidenciado pelos inúmeros relatos de imigrantes, nos mais variados países, que passam a ser “escravos” do trabalho na “nova terra” escolhida. São jornadas de trabalho desumanas de 12, 14 horas, chegando até a 18 horas diárias; ficam limitados a subempregos desprezados pela comunidade nativa; são explorados, sendo mal remunerados por nativos ou por outros estrangeiros; não usufruem dos espaços de convivência das cidades em virtude da ausência de tempo livre para o lazer; adiam ano a ano o retorno para a terra natal em virtude da falta de recursos ou do temor de não encontrarem trabalho que lhes proporcionem o mesmo nível social que atingiram na terra estranha; perdem seus laços familiares em decorrência da distância, entre outros.

Diversos são os fatores que influenciam profundamente na forma como esses migrantes são recebidos na nova terra escolhida. Um destes fatores se dá pelas políticas de migração presentes naquela nação. Alguns países, como os EUA, contam com políticas imigratórias que, ao mesmo tempo em que beneficiam alguns perfis de imigrantes, segregam outros.

No Canadá, por exemplo, no período após a Segunda Guerra Mundial até a década de 1960, houve uma forte política de incentivo à imigração, todavia, somente determinadas nacionalidades, como a portuguesa, a italiana e algumas sul-americanas contavam com maiores facilidades de entrada no país. Havia uma política discriminatória contra imigrantes não brancos que visava não alterar a composição “branca” da população canadense. Na década de 1960, porém, essa política foi alterada, e emigrantes de países da África, Ásia e América Latina também passaram a se deslocar para o Canadá, que acaba por se constituir em um país que sobrevive, principalmente, da mão de obra imigrante (RAMOS, 2003).

Segundo Ramos (2003), na contemporaneidade, políticas canadenses de imigração se tornaram mais restritivas em virtude da imigração ter tomado dimensões acima do planejado e já estar causando conflitos e custos para o país, especialmente o seguro social e a assistência à população imigrante. Atualmente, em sua porção de predominância da língua francesa, há o incentivo à imigração de trabalhadores qualificados (com formação superior) de países francófonos.

Na França, há grande repressão à clandestinidade. Seu código de entrada e estada de estrangeiros prevê o “delito de solidariedade”, que penaliza por cinco anos de prisão e multa a quem ajudar, transportar ou acomodar imigrantes ilegais no país. Nesse país já houve inúmeros atos de xenofobismo registrados contra estrangeiros.

No entanto, a imigração de pessoas que não se enquadrem nos perfis da política de incentivo à migração, como fora acima apontados, é severamente reprimida, o que acaba sendo um dos principais impulsionadores de ausência de hospitalidade entre os povos. Muitos imigrantes que não correspondem ao perfil estabelecido pela política local de imigração tentam se estabelecer na clandestinidade e, por isso, acabam enfrentando situações difíceis, muitas vezes desumanas de trabalho e de convívio social na nova nação.

Nos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, imigrantes mexicanos ilegais (e até mesmo os legais, em virtude dos estereótipos criados do mexicano “imigrante ilegal” e da discriminação que isso fundamenta) chegam a trabalhar 18 horas por dia em diferentes atividades para poder se manter naquele país e enviar os recursos às suas famílias, que permanecem no México, não podem frequentar com facilidade hospitais públicos e outros serviços em virtude da ausência de documentação. Portanto, são “escravos” de seus próprios objetivos de trabalho e acumulação de recursos, e estão à margem da sociedade americana.

Segundo as pesquisas realizadas por Ramos (2003, p.71), “As políticas [de migração] estão relacionadas à situação socioeconômica do país e à sua posição no contexto da globalização”. Geralmente, as políticas migratórias estão relacionadas à alocação de estrangeiros em atividades/trabalhos não ocupados por seus cidadãos (atividades que os nativos desprezam ou não querem fazer). E visam trazer benefícios em virtude da migração à nação. Também está relacionada à política de internacionalização da economia incentivando a vinda de empresas estrangeiras para se estabelecer no país juntamente com seus colaboradores.

Todavia, é importante entendermos que a migração traz benefícios e custos tanto aos países receptores de imigrantes quanto aos países emissores de emigrantes. É no dimensionamento desses custos e benefícios que são definidas as políticas de incentivo ou repressão tanto à imigração quanto à emigração.

Outro fator que juntamente com as políticas de migração se constitui preponderante na maneira como esses imigrantes são acolhidos na terra estranha diz respeito aos princípios e valores culturais de seu povo.

O nacionalismo radical, por exemplo, muitas vezes tende a direcionar os povos ao xenofobismo; os povos de cultura com grande influência religiosa tendem a ser mais solidários, no entanto, alguns países que têm como base o fundamentalismo religioso, em algumas vezes, são radicais e repressivos com pessoas de grupos religiosos divergentes (xenofobismo). Há povos mais abertos ao recebimento do outro, já há outros que não se envolvem ou se relacionam com estranhos (estrangeiros). Enfim, são inúmeras as características culturais e de princípios que definirão a forma como o imigrante será acolhido.

No Canadá, caso estudado por Ramos (2003), em 1996, aproximadamente 47,6% da população era composta por imigrantes de várias nacionalidades, especialmente na cidade de Toronto, cidade que concentra o maior número de imigrantes no mundo. E, em virtude desta característica, existem políticas públicas que visam promover junto ao imigrante educação bilíngue, valorização dos costumes e cultura de origem, assistência social e psicológica e ações junto aos próprios canadenses de combate à discriminação.

Todavia, em Toronto, mesmo com todas as políticas de assistência ao estrangeiro e de incentivo ao convívio multicultural, os conflitos com a população local não são totalmente evitados. Os conflitos acontecem, principalmente, em virtude da competição entre nativos e estrangeiros no mercado de trabalho. Também existem a competição e a discriminação entre os próprios estrangeiros, pois alguns grupos se julgam superiores aos outros.

O que acontece é que cada grupo constitui o seu espaço (território) de acordo com suas respectivas origens e se isola em suas diferenças culturais. Assim, é comum existirem os bairros de imigrantes, como são os bairros brasileiros em países estrangeiros, como também bairros mexicanos nos EUA, etc. Nestes bairros, constitui-se uma centralidade com igrejas, comércios, lojas, escolas que privilegiam características daquele grupo como língua, produtos de seu país de origem, restaurantes típicos, manifestações culturais etc. que

recriam a vida deixada para trás – trata-se como aponta Ramos (2003) de um consumo nostálgico.

Todavia, é importante destacarmos que mesmo com tanta hostilidade entre os povos, a hospitalidade também está presente em alguns países mesmo com migrantes ilegais. Alguns países contam com organizações em sua defesa e que se preocupam com seu bem-estar. Essas instituições estão relacionadas aos princípios e valores culturais presentes naquela nação.

A igreja e o grupo religioso, por exemplo, é uma possibilidade de sociabilidade para o imigrante. Além de celebrar missas ou cultos na língua dos grupos de estrangeiros de maior concentração no país, como por exemplo, missas em espanhol ou em português nos EUA, nas igrejas e nos grupos religiosos são discutidos os problemas do dia a dia desses estrangeiros, e essas conversas auxiliam na reestruturação psicológica do imigrante, o integra ao grupo e lhe proporciona, além da ajuda material, amizades e outras recompensas imateriais. Isso se torna tão interessante e importante para a adaptação do imigrante junto ao grupo social que muitos que não eram habituados a participar de grupos religiosos em seu país de origem passam a ser frequentadores assíduos.

As atividades na igreja passam a ser os momentos de lazer a que o imigrante se dá o direito sem culpa de desfrutar, pois lá ele convive com o grupo que o ajuda a diminuir a saudade causada pela ausência de sua família que ficou distante.

Nos EUA, no Estado de Utah, grupos de mórmons dedicados à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias desenvolvem inúmeras ações para o acolhimento dos milhares de migrantes que para lá se direcionam para trabalhar em atividades relacionadas ao turismo no período de inverno. Entre suas ações está o acolhimento social e religioso, a doação de roupas de inverno (principalmente a migrantes de países tropicais como o Brasil, e que não estão preparados para o frio do inverno americano), alimentos e móveis (colchões, camas etc.), aulas de inglês etc. A igreja católica também desenvolve algumas ações similares às desenvolvidas pelos mórmons. No Canadá, a igreja católica oferece inclusive assistência jurídica aos imigrantes para sua regularização.

Ramos (2003) inicia uma discussão importante que não pode passar despercebida de nossas análises, que a solidariedade não é a mesma coisa que filantropia. Para ser solidário, há que se reconhecer o outro como semelhante e não discriminá-lo – portanto, o ato solidário é o que estaria de acordo com os princípios de hospitalidade.

Também é interessante destacar, como um elemento que influencia a acolhida do imigrante, ainda relacionado às questões culturais e de princípios, as redes de solidariedade que se desenvolvem entre os próprios imigrantes estrangeiros na terra estranha. Geralmente, migrantes oriundos do mesmo país do imigrante recém-chegado – quase sempre um parente ou amigo –, iniciam seu apoio ainda na terra natal, seja com ajuda por meio de informações, a procura de um trabalho etc. Já na nova terra, a solidariedade está na concessão de uma cama em sua casa até que encontre um lugar para ficar, nas informações sobre o lugar, entre outros. Assim, é formada uma rede: eu te ajudo hoje, amanhã você ajuda a um outro que chega e, dessa forma, vai seguindo a solidariedade.

A hospitalidade urbana das cidades escolhidas pelos imigrantes (ou seja, toda a gama de infraestrutura, serviços, direitos do cidadão, sustentabilidade administrativa, preocupação ambiental etc.) tem sido o grande argumento de hospitalidade que mantém os imigrantes naquela nação, mesmo suportando longas jornadas de trabalho e as discriminações e exclusões sociais pelas quais são vítimas. Alegam que, apesar de estrangeiros, a qualidade urbana e de serviços e a responsabilidade dos governantes com o bem-estar da população os proporcionam uma qualidade de vida que não alcançariam em seu país de origem.

Todavia, muitos, em virtude de seus objetivos de somente acumular recursos naquele país e depois retornar ao seu país de origem (ou seja, uma migração temporária), pouco aproveitam da hospitalidade urbana acima destacada como qualidade de vida e hospitalidade.

3 IMIGRAÇÃO NO BRASIL E A HOSPITALIDADE

No Brasil foram vários os imigrantes (russos, poloneses, ucranianos, alemães, italianos, japoneses, chineses, sírios, libaneses, judeus, espanhóis, entre outros) que chegaram com a esperança da prosperidade em virtude da vasta quantidade de terras para cultivar e por ser um país em fase de desenvolvimento. E diante dessa construção histórica se tornou comum ouvir que o brasileiro é um “povo irmão” de quase todo o mundo, em virtude de sua formação multirracial (índio, branco – portugueses na maioria – e o negro escravo vindo de toda a África) e das inúmeras correntes migratórias que o constituíram.

Existiram no século XIX e início do século XX inúmeras políticas (campanhas) de incentivo à imigração para fomento à agricultura, em virtude da vasta extensão de terras, ao comércio e à indústria que se desenvolviam, bem como do povoamento do país. Os incentivos eram a doação de terras, facilitações para compra, doação de insumos para a lavoura, entre outros subsídios. Alguns países desenvolveram até políticas para reprimir a emigração para o Brasil, pois seu estoque de mão de obra estava ficando prejudicado (como, por exemplo, a Itália no final do século XIX).

De uma forma geral, os imigrantes foram bem recebidos e acolhidos em nosso país. No entanto, os estrangeiros não encontraram somente brasileiros hospitaleiros que os aceitaram como iguais, mas muitos aproveitadores que os enganaram, exploraram e causaram inúmeros desconfortos que, em algumas regiões, proporcionaram afastamento cultural que permanece até os dias de hoje. Em alguns casos, as terras compradas não existiam, em outros, eram improdutivas ou eram vendidas a mais de um comprador. Alguns colonos eram explorados pelos fazendeiros e alguns acabaram migrando para as cidades.

Assim, esses camponeses imigrantes que deixavam o campo e se dirigiam para as cidades, somados aos imigrantes que vieram para a indústria e comércio (como os sírios, libaneses, chineses) também formaram bairros e cidades étnicas no Brasil, que na contemporaneidade são explorados como atrativos turísticos principalmente por suas manifestações culturais como a gastronomia, as festas e rituais, a arquitetura, o artesanato, etc.

É importante destacar que os desentendimentos iniciais fizeram com que alguns imigrantes passassem por situações muito difíceis em nosso país, o que fez com que seu grupo se isolasse em colônias que concentram somente aquela etnia. Resistiram à integração com brasileiros proibindo casamentos de seus filhos com brasileiros e, mesmo, limitando o aprendizado do português.

Também é importante lembrarmos que apesar das inúmeras políticas de incentivo à imigração, as políticas brasileiras tanto quanto a de outras nações eram discriminatórias. Por exemplo, até o final do século XIX havia restrições à entrada de asiáticos e africanos como imigrantes legais no país, pois a imigração destes grupos prejudicaria o projeto de clareamento (tornar branca) da população brasileira. Somente a partir da repressão da emigração por parte de alguns países de raça branca que estes puderam migrar para o Brasil.

Na contemporaneidade, o Brasil ainda recebe fluxos migratórios – bem modestos em comparação aos anteriores a década de 1970 –, principalmente de países vizinhos,

como os países sul-americanos, de asiáticos (chineses e coreanos) e africanos, e com estes grupos desenvolvem tanto relações de hospitalidade como de inospitalidade (ou hostilidade).

Os argentinos mantêm um fluxo migratório (legal e ilegal) constante para o Brasil. Esse fluxo se reforçou no início dos anos 2000, quando a Argentina passou por severa depressão econômica. Existem regiões, como as áreas litorâneas do Rio de Janeiro (Angra dos Reis, Búzios, Parati etc.) e Santa Catarina (Balneário Camboriú, Florianópolis, entre outras), em que há inúmeros argentinos integrados à sociedade e bem-sucedidos em suas atividades, como também há grupos carentes que se somam aos pobres brasileiros.

Nas Universidades brasileiras também é muito comum a presença de estrangeiros. Na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no interior de São Paulo, existem programas especiais de integração para refugiados (de países em guerrilhas e em outras situações de calamidade) que pedem asilo político em nosso país.

No entanto, ainda hoje há pessoas de má índole que exploram estrangeiros no país. É comum nos noticiários brasileiros denúncias de bolivianos explorados em jornadas de trabalho quase escravo nas indústrias de roupas e acessórios em São Paulo (ILLES, TIMÓTEO, FIRUCCI, 2008). Geralmente, clandestinos no país se submetem à exploração para poderem sobreviver e para não serem denunciados. Alguns dos empregadores são também imigrantes asiáticos que dominam o comércio em bairros reconhecidos por esta especialidade na capital paulista.

É importante lembrarmos que o fenômeno da migração em um país como Brasil, de dimensões continentais, não acontece somente por fluxos internacionais, temos fluxos internos de migração que não devem fugir às nossas análises em hospitalidade. São exemplos de fluxos migratórios as correntes que partem do nordeste para o sudeste do país. Muitas têm sido as condições adversas que esses migrantes têm encontrado em áreas distantes de sua origem. Entre as condições adversas estão as de moradia, de infraestrutura e serviços sociais, bem como as inúmeras discriminações que estes migrantes sofrem nos grandes centros metropolitanos brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro.

4 OS EMIGRANTES BRASILEIROS MUNDO AFORA E A HOSPITALIDADE

Apesar do Brasil, como apresentado, ser um país que acolheu muitos estrangeiros no decorrer de sua história, constituindo-se em um país multirracial, também são muitos os brasileiros na contemporaneidade que deixam nosso país com a esperança de uma vida melhor.

Cerca de dois milhões de brasileiros vivem fora do país, cujo maior objetivo é a busca de oportunidades de trabalho e renda. O movimento emigratório brasileiro se expandiu a partir da década de 1980, em virtude, principalmente, da situação econômica do país (hiperinflação, queda significativa do poder aquisitivo da classe média etc.) e das altas taxas de desemprego, além da falta de credibilidade nas políticas nacionais (RAMOS, 2003).

Os brasileiros no exterior geralmente atuam no setor terciário, em atividades de baixa remuneração e pouca exigência de qualificação. Há uma pequena parcela de brasileiros privilegiados que prestam serviços a empresas multinacionais com alta remuneração e que, por conseguinte, com alta capacitação profissional.

Entre os grupos que deixam o país estão os descendentes de japoneses – os decasséguis – que, apesar de descendentes e das facilidades legais e culturais que isso representa, são tratados como estrangeiros pelo povo japonês e muitas vezes sofrem alguma discriminação. Também há o grupo de brasileiros que emigram para os EUA ou para países da Europa, como Inglaterra e Portugal, para acumularem recursos e retornarem.

Estes brasileiros, da mesma forma que os descendentes de japoneses, enfrentam duras jornadas de trabalho para sobreviver e enviar dinheiro aos familiares, ou acumular recursos para o futuro. Desenvolvem poucas relações com nativos, principalmente pela dificuldade de comunicação em idioma diferente do português e das diferenças culturais, estando mais sociabilizados com os demais imigrantes que vivem nesses países. Destacam as condições estruturais de serviço e o poder de consumo que encontraram nestes países como os principais motivos para emigrarem e permanecerem nesses países, apesar das situações de discriminações e serviços pesados que realizam (bem diferentes do que faziam no Brasil).

Para os emigrantes, o seu país de origem quase sempre se mostra inóspito e não lhe oferece oportunidades, o que praticamente o obriga a migrar. No caso dos brasileiros, por exemplo, apesar de no exterior se dedicarem a atividades que exigem pouca qualificação e baixos rendimentos, os chamados “subempregos”, na maioria dos casos, são pessoas com formação superior, mas que as políticas públicas não propiciaram um bom aproveitamento profissional destes cidadãos.

Também, um fator ainda relacionado com a hostilidade urbana é a precariedade de equipamentos e serviços públicos enfrentados por esses imigrantes em seu país de origem.

Outro fator que leva muitos brasileiros a se aventurarem além-mar é a busca de ampliação de seus conhecimentos, como, por exemplo, por meio de intercâmbios com o intuito de aprimoramento de língua estrangeira, programa de pós-graduação de mestrado e doutorado, entre outros. Este tipo de emigração geralmente é alvo de incentivo tanto do Brasil, que auxilia estudantes com concessão de bolsas de estudo no exterior, quanto pelo país, que recebe o estudante o acolhendo em sua instituição de ensino e também concedendo alguns auxílios para as passagens e estada no país.

Entre os emigrantes que buscam aprimoramento intelectual e cultural estão os estudantes que participam de programas de intercâmbio, seja de estudo ou trabalho, ou conjugando os dois (por exemplo, por meio de programas como “*Work Experience*”).

Também é importante destacar que a forma como o brasileiro é recebido em terras estranhas é fortemente influenciada pela sua imagem e pela imagem do país formada pela indústria cultural no exterior. Infelizmente, os estereótipos da “mulher erótica do carnaval”, do “homem malandro que não gosta de trabalhar”, do “jeitinho brasileiro”, do “amante do carnaval e do futebol”, do “país da corrupção”, entre inúmeros outros criados, influenciam positiva ou negativamente o acolhimento dado ao imigrante brasileiro pelos nativos ou demais estrangeiros presentes naquele país.

Assim, para vencer os preconceitos, o brasileiro se esforça e trabalha duro e em alguns lugares já é conhecido como “*hard worker*”, ou seja, o estereótipo de um bom trabalhador.

Os consulados também são assuntos polêmicos entre os brasileiros que emigram. Alguns brasileiros temem buscar auxílio nos consulados brasileiros e se queixam da forma como são tratados nessas instituições.

No Brasil, o grupo que lidera os emigrantes são os mineiros, especialmente da região do município de Governador Valadares. Ramos (2003, p.86) destaca que nessa região parece existir uma cultura de emigração “[...] e, principalmente, uma espécie de ‘conexão’ entre os próprios mineiros, que sempre acabam levando um amigo ou a própria família, e financiando o princípio de sua estada”. Portanto, existe toda uma logística de incentivo à emigração, o que demonstra que brasileiro que está como imigrante no exterior se torna ainda mais hospitaleiro ao seu conterrâneo do que seria no seu país.

Com a crise mundial, inúmeros brasileiros ficaram desempregados no exterior, especialmente nos EUA e Japão, e tiveram que retornar ao Brasil. Em alguns casos tiveram

dificuldade financeira até para esse retorno, e tiveram que buscar ajuda consular e solidariedade entre amigos e familiares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande argumento para a migração tem sido a busca por qualidade de vida. Mas essa qualidade de vida tem sido avaliada com base em somente alguns critérios, como estar em um país ou cidade que pode lhe oferecer condições de arrecadar mais recursos para a aquisição de bens e em que são oferecidos estruturas e serviços básicos que deveriam ser oferecidos em qualquer lugar do planeta para proporcionar o mínimo de dignidade à sobrevivência do ser humano.

Há que se concordar que os elementos acima citados são algumas das condições para se ter qualidade de vida (principalmente nos padrões da sociedade do consumo como é a nossa, em que a felicidade se baseia no “ter” e não no “ser”), e que a ausência destas condições no país de origem, que acabam por estimular a emigração, é uma das maiores evidências da inospitalidade das nações.

No entanto, ter qualidade de vida é compatível com abdicar da convivência com a familiares, tornando-se um estranho com o passar do tempo, viver condições desumanas de trabalho, não usufruir de seu tempo livre para descanso e lazer, entre outros percalços, enfim, deixar passar a vida sem saber bem como e por que?

Compreendemos que para realmente se viver em hospitalidade é necessária uma revolução na forma de ser e pensar de cada um de nós – povos emissivos e receptivos.

Referências

ILLES, P., TIMÓTEO, G.L.S.; FIORUCCI, E. da S. (2008) Tráfico de Pessoas para fim da exploração do trabalho na cidade de São Paulo. **Cadernos**, P.31. Campinas July/dec. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332008000200010&script=sci_arttext>. Recuperado em 03 maio de 2012.

PRAXEDES, W. Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 37, 2004.

RAMOS, S. P. **Hospitalidade e Migrações Internacionais: O Bem Receber e o ser Bem Recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

Hospitality and mainstreaming of migration

Abstract

This essay was presented on the 5th. Latin American Congress of Tourism Research (CLAIT), it has as a theoretical mark the academic book “*Hospitalidade e Migrações Internacionais: O Bem Receber e O Ser Bem Recebido*”. It seeks to hold a discussion on sociability and solidarity among peoples, the discrimination with the foreigner, the government policies that favor or disfavor hospitality among recipients and migrants, the lack of hospitality in homeland, and the welfarism towards immigrants and emigrants and the conflicts experienced by migrants. The methodology for its realization was the bibliographic survey and systematization of experiences and observations by the authors as foreigners "inside" and outside their country and as hospitality's researchers. Thus, it is considered that the hardships experienced by many foreigners in the "chosen land" demands a revolution in the way of being and thinking human, so we can experience the principles of true hospitality to foreigners.

Keywords: Hospitality, Migration, Welfare.

Artigo recebido em 12/04/2013. Aceito para publicação em 17/06/2013.